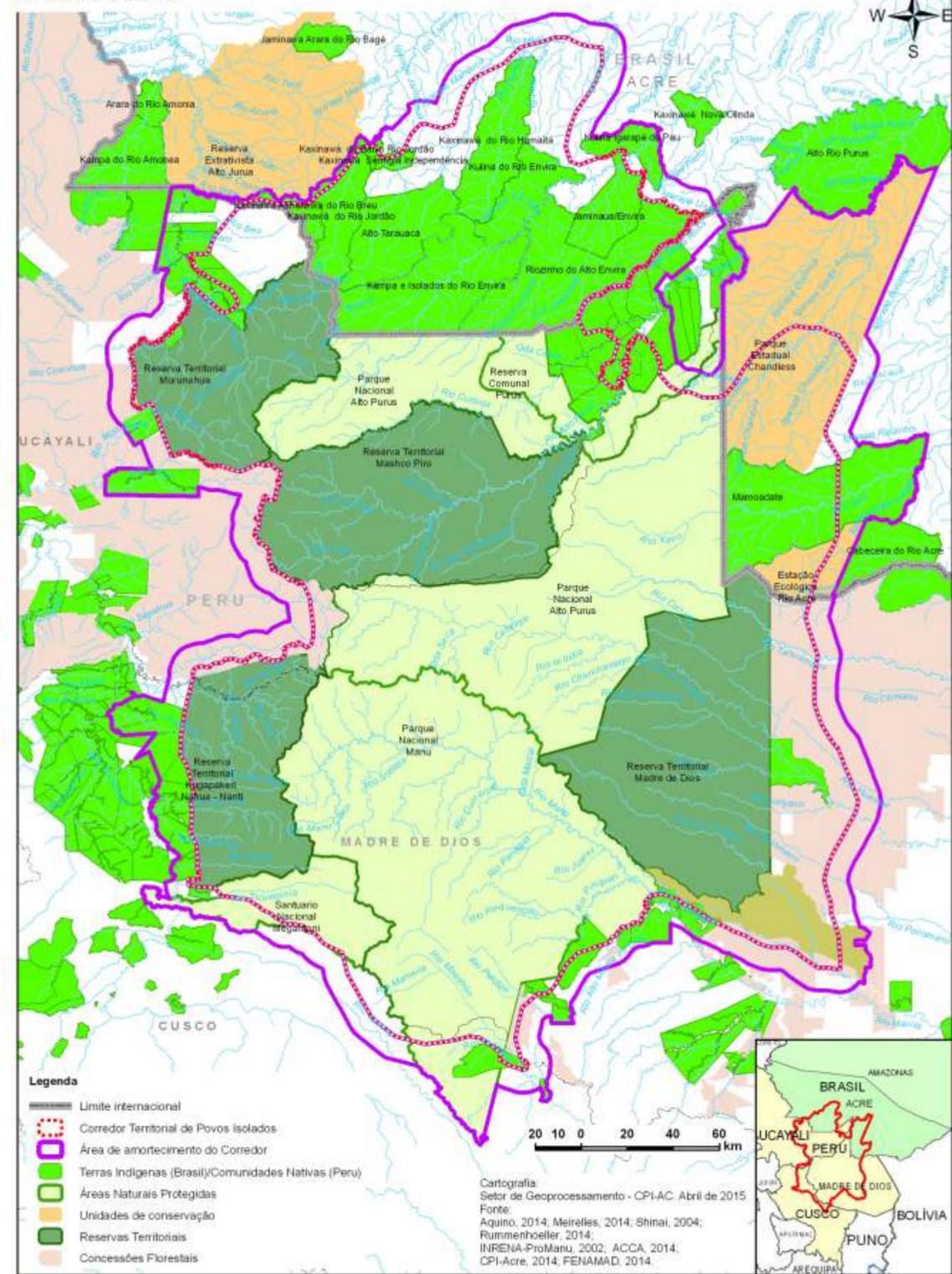


Corredor Territorial de Povos Indígenas Isolados e de recente contato Pano, Aruak e outros



A Comissão Pró-Índio do Acre se insere na proposta da Plataforma de organizações indígenas para la protección de los pueblos en aislamiento y contacto inicial, do Peru, formada pela Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (AIDSESP), Organización Regional de Pueblos Indígenas del Oriente (ORPIO), Organización Regional AIDSESP-Ucayali (ORAU), Federación Nativa del Río Madre de Dios y Afluentes (FENAMAD), Coordinadora Regional de Pueblos Indígenas AIDSESP Atalaya (CORPIAA) e Consejo Machiguenga del Río Urubamba (COMARU). A iniciativa também conta com o apoio da Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC), da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), da Associação Ashaninka do Rio Amônia (APIWXTA), e das associações indígenas do Acre que representam povos que compartilham territórios com os grupos indígena isolados: Associação dos Povos Indígenas do Rio Humaitá (ASPIRH), Associação dos Seringueiros Kaxinawá do Rio Jordão (ASKARJ), Associação Manchineri do Rio Iaco (MAPKHA), Associação Kaxinawá do Rio Breu (AKARIB) e Associação Ashaninka do Rio Breu (AARIB).



- ASPIRH
Associação Povo Indígena do Rio Humaitá
- ACIH
Associação de Cultura Indígena do Humaitá
- OPIAC
Associação dos Professores Indígenas do Acre



A proposta do corredor

O Corredor Territorial de Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato Pano, Aruak e outros é uma área de 8.890.000 hectares, localizada na região amazônica, entre os departamentos de Ucayali, Madre de Dios e Cusco, no Peru, e o estado do Acre, no Brasil. A proposta do seu reconhecimento visa o fortalecimento da articulação política entre os povos indígenas, a sociedade civil organizada e os governos de Brasil e Peru para o trabalho de proteção da integridade física, territorial e sociocultural dos povos indígenas isolados e de recente contato.

Há três décadas, os povos indígenas do Acre e suas organizações de representação, em parceria com a Comissão Pró-Índio do Acre, têm desenvolvido iniciativas de gestão territorial e ambiental para o uso, manejo e conservação dos recursos naturais dos seus territórios reconhecidos pelo Estado. Neste processo, surgem as primeiras discussões sobre as dinâmicas transfronteiriças na região Acre-Peru, e sobre a presença e a situação dos índios isolados que compartilham com eles esses territórios.

Em 2005, é criado o Grupo de Trabalho Transfronteiriço (GTT) como um espaço de articulação política entre as organizações indígenas, indigenistas e ambientalistas do Acre e do Peru. Em 2012, as discussões do GTT dão origem ao Grupo Técnico de Trabalho para o Monitoramento Georreferenciado de Índios Isolados na região Acre-Peru. Seu objetivo é ser um espaço de intercâmbio de informações sobre os territórios desses povos, seus usos e ameaças.

Assim, a proposta do Corredor Territorial vem potencializar esse trabalho realizado em conjunto por diversas organizações indígenas e instituições parceiras (não governamentais e governamentais), que visam a proteção dos povos indígenas isolados e de recente contato na região da fronteira brasileira-peruana.



Foto: FPREE/FUNAI



Foto: FEINAMAD

Importância socioambiental

Os povos indígenas que habitam o Corredor e seus sistemas de manejo de recursos naturais exercem um papel fundamental na conservação ambiental da Floresta Amazônica. O Corredor está localizado em uma das regiões de maior biodiversidade do planeta, abarcando áreas de distintas categorias legais de proteção, que implicam em diversos usos da terra e de seus recursos naturais: reservas territoriais para povos isolados, terras indígenas, comunidades nativas, parques nacionais e estadual, estação ecológica, dentre outras unidades de conservação. O Corredor também abriga diversas bacias hidrográficas internacionais da Amazônia e suas nascentes, sendo um importante reservatório de água doce no mundo.

Objetivos da Proposta

Dar visibilidade a existência desse extenso território habitado por povos indígenas isolados e de recente contato

Conseguir que os Estados nacionais reafirmem seus compromissos no reconhecimento dos seus direitos fundamentais

Contribuir para a efetiva proteção da integridade física, territorial e sociocultural desses povos

Envolver os setores públicos e as organizações da sociedade civil dos dois países no estabelecimento de estratégias e planos de ação binacionais para a proteção integral e transfronteiriça do Corredor

Quem habita o corredor

No lado acreano do Corredor, há a confirmação da presença de quatro grupos de índios isolados. Dois são denominados de acordo com a sua localização: Isolados do Humaitá e Isolados do Riozinho. Um é conhecido como Pano do Xinane ou Tsapanawa, de língua Pano. Uma parte desse grupo fez contato com a sociedade envolvente em junho de 2014. E o quarto grupo é um povo da família linguística Aruak que habita ambos os lados da fronteira. Chamado de Mashco Piro, transita entre os territórios brasileiro e peruano.

No lado peruano do Corredor, os povos indígenas isolados identificados são os Chitonahua e Mastanahua, da família linguística Pano, os Matsiguenka, da família linguística Aruak, e um grupo ainda não identificado chamado de Isolados das cabeceiras dos rios Mishagua, Manu e Las Piedras. Já os grupos indígenas de recente contato são: Chitonahua, Mastanahua e Yora, de língua Pano, e Matsiguenka, de língua Aruak.

Além disso, o Corredor é habitado por famílias Amahuaca em contato esporádico e por outros povos indígenas em contato permanente com a sociedade envolvente, estabelecidos em comunidades nativas e aldeias, e que compartilham os territórios com os grupos isolados. São eles: Ashéninka, Ashaninka, Matsiguenka, Yine/Manchineri, Jaminawa/Yaminahua, Kaxinawá/Huni Kuí, Amahuaca, Sharanahua, Madija e Harakbut.



Foto: FPREE/FUNAI

Foto: Gleilson Miranda